



## Venezuela em transe



Um dia depois de dar um voto de confiança à vice em exercício, Delcy Rodríguez, o presidente dos EUA deixa claro que ela terá de se adequar à agenda traçada por Washington para o país na "transição segura e criteriosa" para a era pós-Maduro

# Trump dá ultimato à interina

» SILVIO QUEIROZ

**D**onald Trump deu um "crédito" inicial a Delcy Rodríguez, vice de Nicolás Maduro, que assumiu interinamente a presidência da Venezuela após a captura de Nicolás Maduro, na madrugada de sábado. Depois de ter anunciado que os Estados Unidos vão "administrar" o país até colocarem em marcha uma "transição criteriosa", e descartado a entrega imediata do poder à oposição, o presidente dos EUA fez ontem um alerta à titular em exercício, confirmada pelo Tribunal Supremo de Justiça (TSJ) local. E cobrou, dela e de quem a acompanha, alinhamento com as diretrizes de Washington.

"Se ela não fizer a coisa certa, vai pagar um preço muito alto, provavelmente maior do que o de Maduro", disse Trump à revista *The Atlantic*, em uma breve entrevista por telefone. Embora não tenha sinalizado com clareza o rumo que pretende imprimir à reorganização do sistema político venezuelano, o presidente reafirmou o interesse em uma "abertura" para que empresas norte-americanas aportem investimentos e assumam "o controle" do setor petroleiro. Na véspera, ao ser empossada, Delcy declarou que a Venezuela "jamais será colonizada" e prometeu "defender os nossos recursos naturais".

O secretário de Estado Marco Rubio, apontado por Trump como um dos prováveis integrantes de algum tipo de administração provisória encarregada de conduzir a Venezuela ao pós-chavismo, arriscou uma abordagem que traz embutidas noções algo distintas das elencadas por Trump. Reafirmou as sanções impostas à exportação de petróleo venezuelano, mas ressaltou que os EUA não pretendem assumir "um papel direto" nos assuntos cotidianos do país. Falando no programa *Face the Nation*, da emissora CBS, definiu a pressão econômica como o caminho para pressionar por mudanças no regime venezuelano: "É a esse tipo de controle a que o presidente se refere".

O próprio Trump, falando à revista *Atlantic*, admitiu que, em última instância, seus planos incluem reverter a revolução bolivariana proclamada a partir de 1999 por Hugo Chávez, antecessor, mentor e padrinho político de Maduro. "Reconstruir e mudar o regime — como se prefira



Mural patriótico decora uma rua de Caracas: recomposição do sistema político esbarra entre planos da Casa Branca, anseios da oposição e resistências do chavismo

chamar — é o melhor do que eles têm agora", argumentou. A Venezuela, diagnosticou, "foi para o inferno, é um país falido, um desastre em todos os sentidos". Um dos elementos centrais do chavismo é, precisamente, a nacionalização integral da economia petroleira, que Washington pretende abrir para investimentos externos, sobre tudo norte-americanos.

Rubio, por sua vez, foi explícito quanto à perspectiva de serem convocadas eleições na Venezuela, ainda que os EUA — já no governo do então presidente Joe Biden, adversário frontal de Trump — tiverem denunciado como ilegítima a reeleição de Maduro, em 2024, tendo Delcy como vice. "É prematuro, neste momento, há muito trabalho pela frente", ponderou.

Na avaliação do advogado e cientista político venezuelano Orlando Vieira-Blanco, columnista do jornal *El Universal* e adversário

do secretário de Estado. "Vamos julgar tudo pelo que eles fizerem, vamos ver o que fazem", disse à CBS. "Se não tomarem as decisões adequadas, mantemos múltiplas alavancas de pressão para garantir a proteção de nossos interesses", alertou. Desde setembro, Washington estacionou no Caribe uma poderosa força-tarefa aeronaval, liderada pelo porta-aviões USS Gerald Ford, que foi decisiva para a operação que resultou na captura de Maduro e da primeir-dama, Cilia Flores.

### Descartáveis

o secretário de Estado. "Vamos julgar tudo pelo que eles fizerem, vamos ver o que fazem", disse à CBS. "Se não tomarem as decisões adequadas, mantemos múltiplas alavancas de pressão para garantir a proteção de nossos interesses", alertou. Desde setembro, Washington estacionou no Caribe uma poderosa força-tarefa aeronaval, liderada pelo porta-aviões USS Gerald Ford, que foi decisiva para a operação que resultou na captura de Maduro e da primeir-dama, Cilia Flores.

ferrenho de Maduro e do chavismo, a luta de mel com a presidente interina e os remanescentes do regime não deve durar muito. Em entrevista ao *Correio*, ele sugeriu que Delcy e outros possíveis herdeiros do presidente capturado podem, talvez, jogar algum papel inicial, embora não façam parte "da agenda inicial de controle" desenhada pela Casa Branca para a transição. "Mas tampouco restam dúvidas de que aqueles que serviram ao regime (chavista), ainda que tenham algum papel transitório ou híbrido, serão descartados, mais cedo ou mais tarde, para que a Venezuela seja encaminhada à recuperação definitiva da democracia e da liberdade".

A perspectiva de mudança de regime

induzida pelo uso da força tem provocado debate intenso no Congresso dos EUA, que detém, segundo a Constituição, a prerrogativa de declarar guerra — com todas as ações relacionadas a um estado formal de beligerância. "Não foi apenas uma operação antidrogas, foi um ato de guerra", afirmou à emissora NBC o deputado Hakeem Jeffries, líder da oposição na Câmara. "Maduro é uma pessoa horrível, mas não se responde a uma ilegalidade com outra ilegalidade", criticou o líder da minoria democrata no Senado, Chuck Schumer, em entrevista à ABC. "Eles entraram na Venezuela e bombardearam instalações civis e militares. É uma violação da lei fazer o que fizeram sem autorização do Congresso", acrescentou.

## Chavista desde a origem política

Ela chegou a ser citada por Donald Trump como possível opção para operar, em parceria com Washington, a transição da Venezuela para a era pós-Maduro, mas apenas horas depois reafirmou lealdade ao presidente capturado pelos EUA e ao regime. Delcy Rodríguez, a vice-presidente que assumiu o comando do país como interina, tem 56 anos e uma biografia que deixa pouca margem a dúvida. O pai, Jorge Antonio Rodríguez, fundador da marxista Liga Socialista, foi morto em 1976, sob custódia policial. O irmão, Jorge Rodríguez, foi prefeito de Caracas e hoje preside o parlamento.

Primeira mulher a comandar o Palácio Miraflores, ainda que em caráter provisório, Delcy é uma das pessoas de maior confiança de Nicolás Maduro, que a chamou para compor a chapa pela qual foi reeleita pela primeira vez, em 2018. Chavista de primeira fila, ela, no entanto, exerceu o pragmatismo na difícil missão de que foi incumbida: comandar a economia do

páis sob o cerco implacável das sanções norte-americanas. Agora, será desafiada a aprimorar a virtude sob a pressão sufocante da força aeronaval mobilizada por Donald Trump ao largo da costa venezuelana.

Os adversários desprezam como "cínico" o sorriso que costuma estampar no rosto dominado pelos óculos grossos. Advogada com pós-graduação em Paris, ela foi ministra da Comunicação (2013–2014) e, como chanceler (2014–2017), executou a retirada da Venezuela da Organização dos Estados Americanos (OEA). Entre 2017 e 2018, presidiu a Assembleia Constituinte, que atuou como um "superpoder" quando a oposição controlava a Assembleia Nacional. Entre 2020 e 2024, acumulou a vice-presidência com o Ministério da Economia.

Entre os empresários, Delcy é considerada uma gestora inteligente, aberta ao pragmatismo e ao diálogo. Construiu pontes com a entidade patronal Fedecámaras e conseguiu reuniões com o governo que,

poucos anos antes, pareciam impossíveis. Uma feroz hiperinflação e políticas econômicas fracassadas provocaram desde 2016 um desarranjo financeiro, que Caracas posteriormente atribuiu às sanções aplicadas ao país no primeiro mandato de Trump (2017–2021). Uma dolarização de fato, associada à flexibilização dos controles, deu fôlego às relações do chavismo com o setor privado e acabou com a escassez, embora a perda do poder de compra nunca tenha cessado.

Empossada pelo Tribunal Supremo de Justiça (TSJ) na noite que se seguiu à incursão norte-americana e à captura de Maduro, ela teria de ser convocada pelo Parlamento para assumir o cargo, segundo as formalidades constitucionais. Seu período interino tem duração original de 90 dias, prorrogáveis por mais 90. Ao fim desses seis meses, caso seja declarada a ausência definitiva do presidente constitucional, a lei determina a convocação de eleição nos 30 dias seguintes.



Delcy Rodríguez, em dezembro, discursou na Assembleia Nacional: pragmatismo